

# CETICISMO E RELIGIÃO EM MICHEL DE MONTAIGNE: DUAS INTERPRETAÇÕES DA APOLOGIA DE RAYMOND SEBOND

SKEPTICISM AND RELIGION IN MICHEL DE MONTAIGNE:  
TWO INTERPRETATIONS OF APOLOGY FOR RAYMOND SEBOND

Tiago Barros Duarte\*

---

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é refletir a respeito da relação de ceticismo e religião em Michel de Montaigne. Pretende-se salientar a problemática convivência destas esferas no texto do filósofo renascentista, a partir da exposição de duas interpretações opostas da *Apologia de Raymond Sebond*. Se por um lado este ensaio foi lido por muitos como um texto bem sucedido em sua proposta de defender a religião tradicional, em resposta aos argumentos da Reforma Protestante, por outro lado, muitos intérpretes viram neste texto uma fervorosa crítica à religião cristã e seus costumes. Para melhor clarificar cada uma destas posições, serão destacadas as principais passagens da *Apologia* que servem de base para suas argumentações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ceticismo. Religião. Fideísmo.

**ABSTRACT:** The goal of this text is to reflect about the relation between skepticism and religion in Michel de Montaigne. The paper intends to underline the problematic coexistence of both of these spheres within the text of the Renaissance philosopher, starting from the exposure of two opposite interpretations of the *Apology for Raymond Sebond*. If for one side this essay was ridden for many as a text that reaches success in its propose in defending traditional religion, in response to the arguments of the Protestant Reform, for the other side, many interpreters saw in this essay a earnest critics to Christian religion and its rituals. For better clarifying each of these positions, it will be highlighted the mainly passages of the *Apology* that based their argumentations.

**KEYWORDS:** Skepticism. Religion. Fideism.

---

A *Apologia de Raymond Sebond*, principal capítulo em que Montaigne trata do ceticismo nos *Ensaio*s, pode ser interpretado por duas diferentes leituras que se opõem. Em uma leitura, o seu ceticismo é visto como uma defesa do cristianismo. Seria uma apologia cética da religião cristã. No complexo diálogo que realiza com Sebond e seus críticos, Montaigne, em sua proposta inicial de defendê-lo, discursaria em prol da fé e da grandeza de Deus. Em outra leitura oposta, seu ceticismo é interpretado como uma crítica à religião cristã,

---

\* Mestrando em Filosofia – UFMG. Contato: tiagugrama@yahoo.com.br

limitando-a à esfera do que é meramente humano, ao pôr em dúvida a possibilidade do homem obter o conhecimento de Deus através razão, seu instrumento epistemológico natural. Apesar dessa proposta inicial de Montaigne de defender a religião tradicional, estes últimos intérpretes lêem a *Apologia* como um ensaio estritamente cético, como se seu objetivo primordial fosse, na realidade, demonstrar os problemas e a fraqueza da religião cristã através de uma crítica profunda à capacidade da razão humana de conhecer as coisas. Assim, enquanto a primeira leitura apresenta um Montaigne comprometido com a fé, a segunda evidencia os aspectos de seu ceticismo mais ligados ao naturalismo ou ao paganismo. Enquanto os primeiros interpretam como sendo extrema piedade o fato de Montaigne colocar a fé como inalcançável à razão do homem, os segundos vêem nisso um ato de impiedade e ateísmo. O que há em comum entre essas leituras é que ambas apresentam o ceticismo como determinantes para estas suas conclusões.

A questão central que surge desta dupla possibilidade de interpretação é, então, saber se Montaigne é ou não é um cético por completo, digamos assim. Ora, se for, põe-se em dúvida a sinceridade de sua religiosidade, pois, um cético autêntico deve suspender o juízo sobre todas as coisas, principalmente em matéria tão pouco clara e imprecisa quanto é a fé e as coisas sobrenaturais, de um modo geral. A dúvida, então, é: o que prevalece em Montaigne, seu ceticismo ou sua religiosidade? Sua religiosidade suplanta sua admiração pelo ceticismo ou esta admiração lhe é tão significativa que põe em dúvida até mesmo sua fé? É neste campo minado que caminham aqueles que buscam entender este importante ensaio cético que é a *Apologia de Raymond Sebond*.

Esta controvérsia surge da mistura que o próprio Montaigne faz desses conceitos, ceticismo e religião, que, a princípio, nos aparecem como contraditórios, pois, enquanto o primeiro se baseia na dúvida e no questionamento, o outro tem a certeza e a submissão como princípios. Sucintamente falando, enquanto a primeira das posições citadas busca validar a união das idéias de ceticismo e religião no fideísmo, a segunda não aceita que estas idéias, fundamentalmente opostas, possam ser colocadas lado a lado.

O que se pretende neste artigo é justamente apresentar, de um modo geral, ambas as posições, mostrando como a crítica cética da razão desenvolvida por Montaigne pôde ser usada tanto como argumento de defesa quanto de condenação da religião. É válido ressaltar a complexidade de tal questão, lembrando que este seja talvez o tema mais comentado dos

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 298-307
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

*Ensaaios* ao longo da história, o que faz com que nossas intenções aqui sejam modestas, apresentando apenas um esboço genérico da infundável querela sobre o lugar do ceticismo e da religião no pensamento montaigniano. Lembra-se também que esta complexidade se torna ainda mais relevante (e sedutora) pelo fato de Montaigne falar do ponto de vista de um espectador que – mais do que apenas opinar ou escrever sobre o assunto – viu e viveu os problemas que decorriam desta discussão, uma vez que sua biografia se enlaça com momentos da história que geraram profundas transformações na sociedade, devidas, em grande parte, a discussões deste tipo, a saber, o Renascimento e a Reforma protestante.

### **1ª interpretação: Montaigne fideísta – A *Apologia de Raymond Sebond* como defesa cética do cristianismo**

Segundo os defensores desta interpretação<sup>1</sup>, ao criticar a razão na *Apologia*, Montaigne evidencia a inferioridade dos homens em relação a Deus. Assim como faz o cristianismo, Montaigne estaria rebaixando o homem, tirando de suas mãos a capacidade de estabelecer ou alcançar a verdade por seus meios próprios. Apenas Deus poderia nos aproximar da verdade, uma vez que Ele é o único que a detém. A exposição da fragilidade da razão, pedra de toque deste importante ensaio, visaria, portanto, dissolver o orgulho e a presunção dos homens, valorizando, conseqüentemente, a ignorância, do mesmo modo que faz a religião cristã na doutrina do Pecado Original ou nas declarações de São Paulo contra a razão e em prol da ignorância<sup>2</sup>. A relação das críticas de Montaigne e do cristianismo ao conhecimento pode ser

“Dentro de cada uma dessas interpretações há inúmeras divergências entre os comentadores. A divisão feita aqui não tenciona expor estas nuances. Logo, quando lermos ao longo do texto ‘de acordo com esta interpretação’, ou ‘segundo estes intérpretes’, não se está ignorando tais divergências. A intenção aqui é mais apresentar o problema do que enumerar e discutir a fundo o que já foi dito sobre o assunto. Richard Popkin (POPKIN R. *História do ceticismo de Erasmo a Spinoza*. Trad. Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000) e Luiz Eva (EVA, L. *A figura do filósofo: Ceticismo e subjetividade em Montaigne*. São Paulo: Edições Loyola, 2007) serão usados como guias e exemplos de cada uma das posições aqui enunciadas e não como representantes definitivos de cada uma delas.”

<sup>2</sup> Sobre o Pecado Original, diz Montaigne: “Os cristãos têm um conhecimento particular de quanto a curiosidade é um mal natural e original no homem. A preocupação com crescer em sabedoria e ciência foi a primeira ruína do gênero humano;” MONTAIGNE M. “Apologia de Raymond Sebond”. In: *Os Ensaaios*. Trad.: Rosemary C. Abílio. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.248.

Sobre as declarações de São Paulo, são várias as referências na *Apologia*. Em uma delas, o autor diz: “Os simples e os ignorantes, diz São Paulo, elevam-se e tomam o céu; e nós, com nosso saber, mergulhamos nos abismos infernais.” MONTAIGNE M. “Apologia de Raymond Sebond”. In: *Os Ensaaios*. Trad.: Rosemary C. Abílio. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.247.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 298-307
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

identificada em vários momentos da *Apologia*. Por exemplo, quando, em meio a um discurso de valorização moral da simplicidade e da ignorância, com o intuito de demonstrar que a posse da ciência e da sabedoria não torna uma pessoa mais feliz, o autor diz o seguinte:

A primeira tentação que sobreveio à natureza humana parte do diabo, seu primeiro veneno, insinuou-se em nós pelas promessas de conhecimento que ele nos fez (...). A peste do homem é a suposição de que sabe. Eis por que a ignorância nos é tão recomendada por nossa religião como qualidade apropriada para a crença e a obediência<sup>3</sup>.

Isso mostra como o ceticismo e a fé, apresentada como submissão a Deus, se costumam ao longo da *Apologia* e nos faz compreender a importância do cristianismo na leitura de Montaigne. Outra passagem significativa deste capítulo evidencia o caráter piedoso do filósofo renascentista, que põe nas mãos de Deus toda a possibilidade de revelação da verdade, além de corroborar a idéia anterior de que a falta de sabedoria mais nos aproxima do que nos afasta de Deus:

A participação que temos no conhecimento da verdade, qualquer que seja, não foi por nossas próprias forças que a adquirimos. Deus ensinou-nos plenamente isso pelas testemunhas [os apóstolos] que escolheu em meio ao vulgo, simples e ignorantes, para nos instruírem sobre seus admiráveis segredos: nossa fé não é aquisição nossa, é uma pura dádiva e liberalidade de outrem. (...) É por intermédio de nossa ignorância, mais que de nossa ciência, que somos sábios desse saber divino<sup>4</sup>.

Richard Popkin, importante representante da interpretação do fideísmo montaigniano, diz que apesar do “estilo ziguezagueante” deste autor, a defesa de uma nova forma de fideísmo – que ele chama de “pironismo católico” – é sempre um tema dominante na *Apologia*<sup>5</sup>. Seria com a atenção voltada para a problemática religiosa que se desenvolveria o ceticismo montaigniano, se ramificando, posteriormente, para outros campos do conhecimento. O fideísmo se funda, portanto, nesta leitura, na combinação da constatação

<sup>3</sup> MONTAIGNE M. “Apologia de Raymond Sebond”. In: *Os Ensaios*. Trad.: Rosemary C. Abílio. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.233.

<sup>4</sup> MONTAIGNE M. “Apologia de Raymond Sebond”. In: *Os Ensaios*. Trad.: Rosemary C. Abílio. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.250-251.

<sup>5</sup> “A elaboração mais filosófica de seu ceticismo se desenvolverá com um breve panegírico à ignorância, e uma defesa do fideísmo completo.” POPKIN R. *História do ceticismo de Erasmo a Spinoza*. Trad. Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000, p.94.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 298-307
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

cética da dúvida total no âmbito da razão com uma religiosidade baseada exclusivamente na fé e na Graça de Deus<sup>6</sup>.

Na medida em que Deus não pode ser conhecido através da razão, a fé deve ser colocada num patamar superior, sobre o qual nada podemos explicar por nossa linguagem<sup>7</sup>. Nada que diga respeito ao modo do homem se relacionar com o mundo e com os outros pode atingir a esfera divina. Nosso estado atual só permite que percebamos as aparências das coisas fundamentadas pela incerteza dos sentidos. Nisso, a leitura do Montaigne “ateu”, que veremos na seqüência, também estará de acordo. A diferença é que, aqui, a intervenção divina através da Revelação pode nos fazer ver a Verdade.

É na resposta de Montaigne à primeira objeção feita à Sebond que os argumentos fideístas se apresentariam com maior clareza<sup>8</sup>. O modo como a suspensão do juízo viabiliza a recepção da fé está representado de modo emblemático no seguinte trecho:

[O ceticismo] apresenta o homem nu e vazio, reconhecendo sua fraqueza natural, apropriado para receber do alto uma força externa, desguarnecido de ciência humana e portanto mais apto para alojar em si a divina, anulando seu próprio julgamento a fim de dar mais espaço para a fé<sup>9</sup>.

Ou seja, uma vez que esvazia a mente humana de suas crenças e preconceitos por meio da *epochè*, o ceticismo se torna o caminho mais propício para aqueles que desejam receber a fé e a Revelação. A razão seria, portanto, uma complicadora deste processo e o ceticismo seria, paradoxalmente, o ápice da sabedoria, pois, nas palavras de Popkin, “uma vez que o

<sup>6</sup> “Ora, nossas razões e nossas reflexões humanas são como a matéria pesada e estéril: a graça de Deus é sua forma; é ela que lhes dá a feição e o valor.” MONTAIGNE M. “Apologia de Raymond Sebond”. In: *Os Ensaios*. Trad.: Rosemary C. Abílio. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.173-174.

<sup>7</sup> “...parece que os homens buscam esse louco orgulho de linguagem para trazer Deus à medida deles...”; “...nossas palavras o dizem, mas nossa inteligência não o compreende.” MONTAIGNE M. “Apologia de Raymond Sebond”. In: *Os Ensaios*. Trad.: Rosemary C. Abílio. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.250-251.

<sup>8</sup> Não entrarei aqui nos detalhes da intrincada argumentação de Montaigne sobre as objeções à Sebond e de suas respostas a elas. Ressalto apenas que na resposta à primeira objeção é possível que se identifique melhor esse Montaigne fideísta, uma vez que trata mais especificamente da impossibilidade do homem de explicar a fé pela razão, enquanto que na resposta à segunda objeção, percebe-se com maior clareza a argumentação de Montaigne favorável à segunda interpretação que veremos, de um Montaigne estritamente cético, pois, aí, Montaigne expande seu ceticismo para outros campos que não apenas o da religião, o que alimenta a idéia de um Montaigne que suspende o juízo sobre todas as coisas.

<sup>9</sup> MONTAIGNE M. “Apologia de Raymond Sebond”. In: *Os Ensaios*. Trad.: Rosemary C. Abílio. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.260.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 298-307
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

cético completo não possui pontos de vistas positivos, ele não pode possuir pontos de vistas errôneos”<sup>10</sup>.

## **2ª interpretação: o ceticismo montaigniano visto como crítica à religião cristã**

Nesta leitura, assim como na anterior, também se reconhece que Montaigne critica a razão com o intuito de rebaixar o homem e elevar a figura de Deus como a verdade suprema e inalcançável. O pressuposto cético é o mesmo, as conseqüências é que serão diferentes. Enquanto aquela destaca os aspectos do texto que aliam o ceticismo de Montaigne à religião, esta considera que a crítica da razão não tem outro fim senão o de questionar o cristianismo. Aqui, considera-se que Montaigne estaria levando ao extremo o rebaixamento do homem, de modo que todas suas ações, idéias e invenções fossem apenas relativas e inferiores, uma vez que oriundas da frágil razão. Ora, dentre essas invenções estaria a própria religião cristã, a qual instituiria rituais, crenças e costumes que seriam apenas uns em meio a tantos outros<sup>11</sup>. Isso, obviamente, atinge o âmago da fé cristã que tem como princípio a crença de poder se comunicar com Deus, de alcançar a fé através de suas formalidades e cerimônias<sup>12</sup>.

A passagem da *Apologia* que melhor simboliza a presente abordagem é a que Montaigne diz: “somos cristãos a mesmo título que somos perigordinos ou alemães”<sup>13</sup>. Isso evidenciaria a “mundaneidade” do cristianismo, já que o que determina que uma pessoa seja cristã é algo tão contingente como o que determina sua nacionalidade. Aliás, o que os partidários desta leitura querem mostrar é que para Montaigne tudo é mundano, tudo é humano. E, uma vez que a razão é falível, tudo que ela inventa não tem contato nenhum com a verdade. Até mesmo a religião, como dito, é sempre conduzida por mãos humanas, e, como

<sup>10</sup> POPKIN R. *História do ceticismo de Erasmo a Spinoza*. Trad. Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000, p. 96.

<sup>11</sup> “Todas as outras aparências são comuns a todas religiões: esperança, confiança, eventos, cerimônias, penitências, martírios.” MONTAIGNE M. “Apologia de Raymond Sebond”. In: *Os Ensaios*. Trad.: Rosemary C. Abílio. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.166.

<sup>12</sup> “Ora, nada de nosso [nada que seja humano] pode combinar-se ou relacionar-se, de qualquer maneira que seja, com a natureza divina, sem a macular e marcar com a mesma imperfeição.” MONTAIGNE M. “Apologia de Raymond Sebond”. In: *Os Ensaios*. Trad.: Rosemary C. Abílio. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.285.

<sup>13</sup> MONTAIGNE M. “Apologia de Raymond Sebond”. In: *Os Ensaios*. Trad.: Rosemary C. Abílio. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.170.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 298-307
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

diz de Luiz Eva, “mãos que tornam relativo tudo o que tocam”<sup>14</sup>. Essas mãos, na tentativa de adaptar a perfeição da natureza imortal de Deus à sua própria natureza efêmera e mortal, acabam por transformá-la em algo tão frágil, tão instável e falível quanto o próprio homem. Como consequência desta falsa aparência que os homens têm da religião, Montaigne lembra dos incontáveis crimes que foram cometidos em nome dos deuses, através, por exemplo, dos sacrifícios humanos<sup>15</sup>. Se vivesse em nossa época, atento que era aos acontecimentos de seu tempo, Montaigne provavelmente também usaria como exemplo as inúmeras “Guerras Santas” que presenciamos atualmente.

Portanto, ao dizer que a fé não pode ser alcançada pelos homens e que da religião só captamos seus “aspectos humanos”, isto é, suas cerimônias e costumes, Montaigne é visto por estes intérpretes como um crítico ferrenho da religião, uma vez que coloca essas crenças no mesmo patamar de incerteza a que está sujeito qualquer outro aspecto cultural. A diversidade das opiniões dos homens em todos os campos do saber atinge também o campo da religião, que, por princípio, deveria ser fruto de uma regra única e universal:

Observai se não é por nossas mãos que conduzimos [a religião], extraindo, como da cera, tantas formas contrárias de uma regra tão reta e firme. Quando se viu isso melhor que na França de nossos dias? Os que a tomaram à esquerda, os que a tomaram à direita, os que dela dizem preto, os que dela dizem branco, empregam-na de maneira tão semelhante em seus violentos e ambiciosos projetos...<sup>16</sup>

Ora, por estes argumentos fica claro por que esta leitura considera a *Apologia* como um texto estritamente cético, tendo em vista que a incerteza, a dúvida, a suspensão do juízo abrangem também a esfera sobrenatural, ao contrário do que diz a posição fideísta anterior, que coloca o ceticismo como um caminho para fé.

Outro argumento também favorável a esta abordagem, é o que considera que a intenção central de Montaigne na *Apologia* seja a de refletir sobre os problemas sociais que emergiam da Reforma religiosa que ocorria naquela época.

---

<sup>14</sup> EVA, L. *A figura do filósofo: Ceticismo e subjetividade em Montaigne*. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p.88.

<sup>15</sup> MONTAIGNE M. “Apologia de Raymond Sebond”. In: *Os Ensaios*. Trad.: Rosemary C. Abílio. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.282-285.

<sup>16</sup> MONTAIGNE M. “Apologia de Raymond Sebond”. In: *Os Ensaios*. Trad.: Rosemary C. Abílio. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.167.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 298-307
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Quando Montaigne se põe contra os reformadores e a favor da religião tradicional, segundo esta leitura, ele não o faz por considerar que a religião tradicional seja melhor ou tenha argumentos mais razoáveis que os partidários de Lutero, mas sim porque o mais sensato e prudente a se fazer neste tipo de discussão é seguir a tradição, já que ninguém tem capacidade de apresentar racionalmente argumentos melhores que os outros acerca das verdades da fé. Como consequência política, as novidades da Reforma religiosa traziam consigo o conflito e a guerra civil<sup>17</sup>. Logo, pelo olhar humanista de Montaigne, uma vez que não se pode ter uma resposta correta e definitiva, que se faça aquilo que trazer menos desordem e conflitos, que, neste caso, implica em seguir a religião tradicional.

Ou seja, a pretensão primordial de Montaigne não seria, de acordo com o presente argumento, desenvolver uma teologia fideísta ou uma oposição teórica entre fé e razão, já que, como um cético estrito, não crê que tal tarefa seja possível. Ele visaria apenas refletir sobre os acontecimentos de seu tempo, os quais se referem exclusivamente a coisas humanas.

## Conclusão

É possível ser, efetivamente, um fideísta? O fideísmo é uma teologia ou uma opção religiosa viável? Ou, posto ainda de outro modo, é possível ser cético e acreditar em Deus ao mesmo tempo? Estas parecem ser as perguntas que primeiro devemos nos fazer se quisermos optar por alguma dessas interpretações como sendo a mais coerente ou verdadeira. Pois, se se responde a elas positivamente, então é possível que consideremos, juntamente com a primeira interpretação, que Montaigne é honesto quando em alguns momentos do texto expõe sua piedade e em outros momentos duvida e questiona as coisas. Contudo, se não se acredita que é possível ser cético e religioso ao mesmo tempo, ou que o ceticismo possa ser um catalisador no recebimento da fé, põe-se em dúvida a sinceridade de Montaigne quando demonstra ocasionalmente ao longo da *Apologia* sua devoção a Deus. Para defender a segunda interpretação, portanto, deve-se crer que o ceticismo só é coerente quando é absoluto, ou seja, quando põe em dúvida todas as coisas.

---

<sup>17</sup> Nesta época, as autoridades civil e religiosa eram diretamente identificadas uma com a outra. Assim, ao submeter à razão os artigos da religião cristã, a Reforma questionava, conseqüentemente, o poder político vigente.



Partindo do texto montaigniano, como vimos, temos evidências tanto de seu caráter estritamente cético quanto de sua devoção religiosa, o que faz com que os relatos presentes na *Apologia* não sejam fontes precisas para decidirmos sobre a religiosidade pessoal do filósofo francês, como observa Luiz Eva: “tudo se passa como se estivéssemos diante de uma questão privada que o autor se recusa a responder abertamente”<sup>18</sup>. Qualquer opinião sobre o sentimento religioso verdadeiro de Montaigne, a partir de sua obra, surge como mera especulação. Prova disto está na própria interpretação divergente que as autoridades religiosas da época fizeram da obra de Montaigne, pois, enquanto uns ressaltavam o caráter piedoso da *Apologia*<sup>19</sup>, outros a condenaram pelo ateísmo. Tanto que somente muitos anos mais tarde, quase um século depois, os *Ensaaios* foram incluídos no *Índex*, em 1676.

Uma vez que o próprio Montaigne parece nos querer deixar uma questão em aberto, ou um problema para refletirmos – como faz com frequência nos *Ensaaios* –, talvez seja melhor que tenhamos em mãos ambas as posições e suas inúmeras vertentes, do que busquemos restringir a leitura de um texto tão rico e tão denso dentro de um esquema que se apresente como mais coerente ou sistemático. Um problema de tamanha importância para a História da Filosofia e até mesmo para nossos próprios modos particulares de ver o mundo, pode ser mais bem aproveitado se não o limitarmos e respeitarmos sua complexidade. Tentar uma explicação fácil para uma questão de tamanha abrangência e que talvez seja irrespondível pode não ser o melhor modo de se tratar este tema ou mesmo este autor, de um modo geral, que tanto advertiu contra julgamentos precipitados e contra a estreiteza de pensamento.

Tendo isso em mente, é possível que enxerguemos e nos posicionemos com um pouco mais de clareza e firmeza sobre este assunto. Não que estas clareza e firmeza indiquem alguma certeza ou confiança de estarmos escolhendo o caminho correto. Mas sim que, no melhor estilo montaigniano, representam apenas a consciência de que se está caminhando num campo minado e obscuro, e que qualquer lado que se escolha está fadado à contradição ou a uma contestação com argumentos opostos precisos e coerentes.

## Referências

<sup>18</sup> EVA, L. *A figura do filósofo: Ceticismo e subjetividade em Montaigne*. São Paulo: Edições Loyola, 2007/2007, p.124.

<sup>19</sup> Não era incomum, na época de Montaigne, segundo Pierre Villey (em sua introdução à *Apologia* na edição aqui utilizada), que o discurso da ortodoxia católica se aliasse ao pirronismo para combater o racionalismo dos livres-pensadores que surgiam no contexto do Renascimento.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 298-307
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

BIRCHAL, T. “Fé, razão e crença na Apologia de Raymond Sebond: somos cristãos como somos perigordinos ou alemães?”. *Kriterion*, Belo Horizonte, v.XLVI/ n. 111 (2005), p. 44-54.

\_\_\_\_\_. “A figura do filósofo: ceticismo e subjetividade em Montaigne”. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. XLIX/n.117 (2008), p.243-248.

EVA, L. *A figura do filósofo: Ceticismo e subjetividade em Montaigne*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

MAIA NETO, J. R. “Epoche as Perfection: Montaigne's View of Ancient Skepticism”. In: José R. Maia Neto; Richard H. Popkin. (Org.). *Skepticism in Renaissance and Post-Renaissance Thought: New Interpretations*. 1 ed. Amherst, NY: Humanity Books, 2004, v. 1, p. 13-42.

MONTAIGNE M. “Apologia de Raymond Sebond”. In: *Os Ensaios*. Trad.: Rosemary C. Abílio. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

POPKIN R. *História do ceticismo de Erasmo a Spinoza*. Trad. Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 298-307
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------